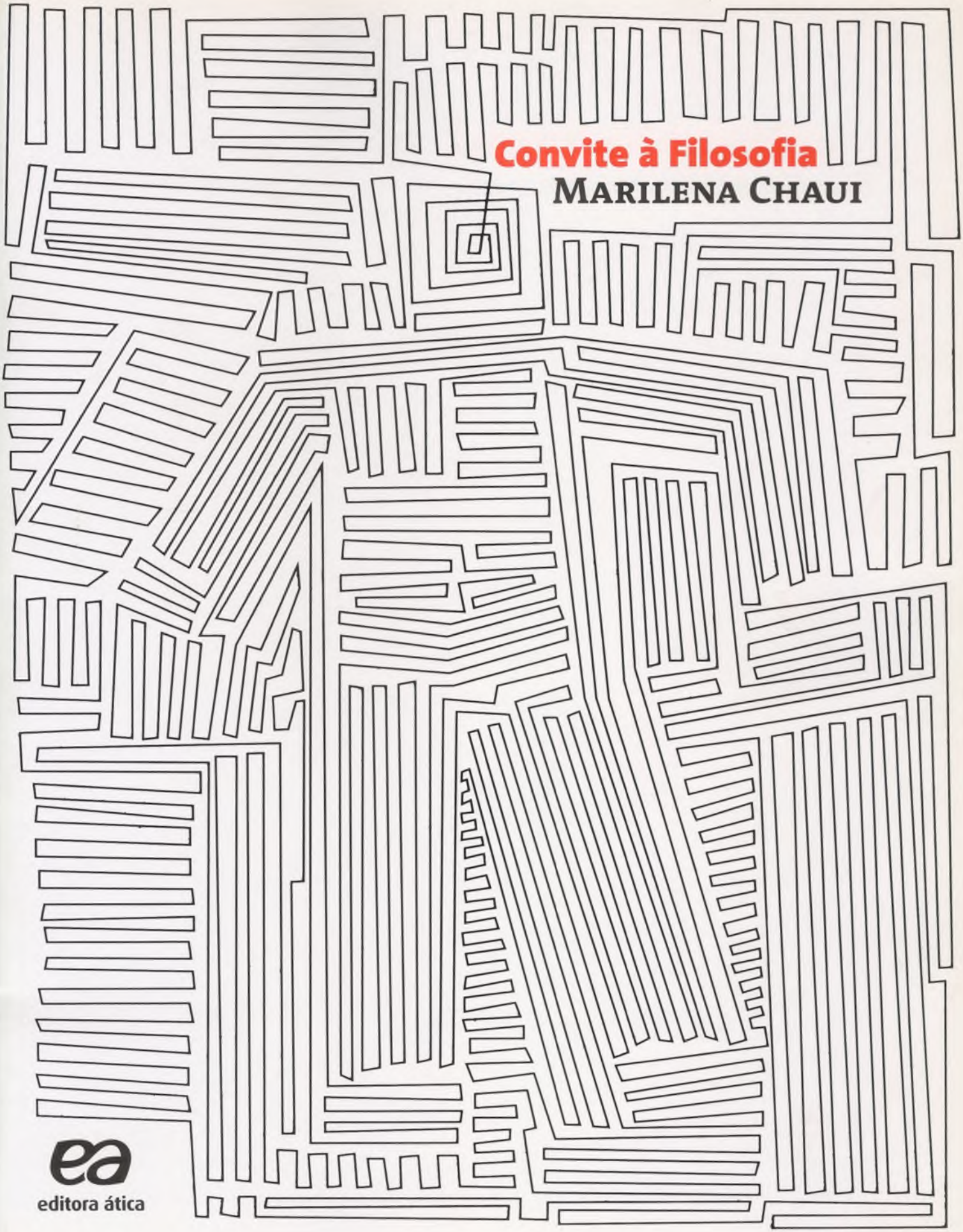
# Convite à Filosofia

MARILENA CHAUI



editora ática

**Gerente Editorial** Margarete Gomes
**Coordenação da edição e edição de texto** Samir Thomaz
**Revisão** Hélia de Jesus Gonsaga (ger.)
Kátia Scaff Marques (coord.)
Gloria Cunha
João Carlos Ribeiro Jr.
Maurício Baptista Vieira
Patrícia Travanca
Rosângela Muricy
Sandra Regina de Souza
**Pesquisa iconográfica** Sílvio Kligin (superv.)
Caio Mazzilli
**Edição de arte** Rosimeire Tada (coord.)
André Gomes Vitale
**Programação visual** Homem de Melo & Troia Design
**Editoração eletrônica** Homem de Melo & Troia Design
**Capa** Homem de Melo & Troia Design
Impressão e Acabamento Divisão Gráfica da Editora Abril S/A

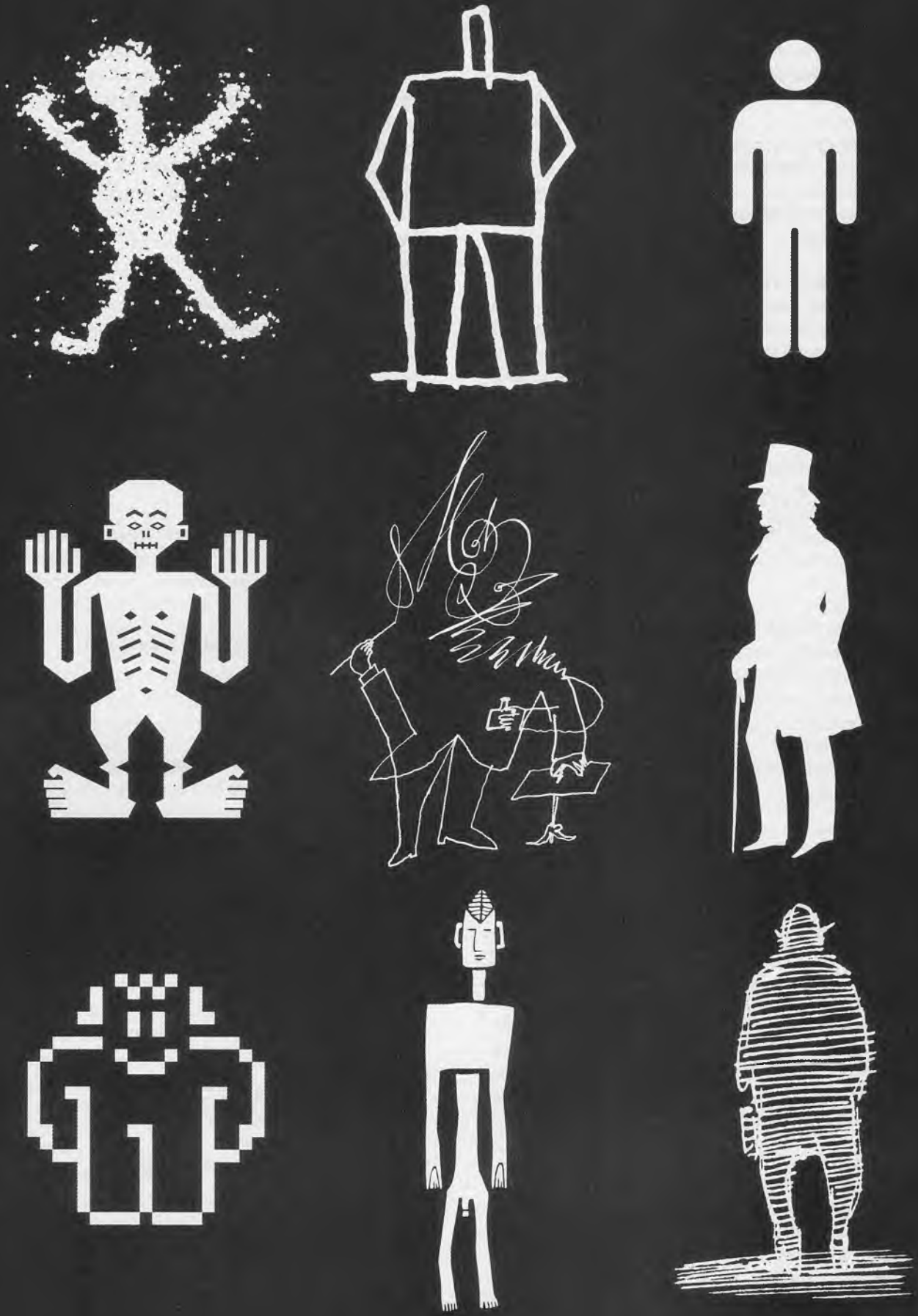
14ª edição
1ª impressão

EDITORA AFILIADA

**ISBN:** 978-85-08-13469-4 (aluno)
**ISBN:** 978-85-08-13470-0 (professor)

Cód. de obra CL 736933

2010
Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – 5º andar e andar intermediário Ala A
Freguesia do Ó – CEP 02909-900
São Paulo – SP
Tel.: 0800 115152 – Fax: 0(XX)11 3990-1616
www.atica.com.br
editora@atica.com.br



# Introdução

# Para que filosofia?

*Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum for útil; se não se deixar guiar pela submissão às ideias dominantes e aos poderes estabelecidos for útil; se buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos for útil, então podemos dizer que a filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes.*

*Da esquerda para a direita, de cima para baixo:* inscrição pré-histórica existente no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí; desenho de Joaquim Torres Garcia, de meados do século XX; pictograma usado internacionalmente a partir da década de 1970; figura redesenhada com base em padrão têxtil asiático de origem pré-histórica; desenho de Saul Steinberg, de meados do século XX; silhueta originária do século XIX; pictograma projetado para uso na internet, da década de 1990; figura redesenhada a partir de escultura africana de origem pré-histórica; desenho de Will Eisner, de história em quadrinhos, da década de 1980.

# Introdução

# Para que filosofia?

Tales de Mileto, o primeiro filósofo de que se tem notícia, andava pelos jardins de sua cidade olhando para o céu para conhecer o movimento dos astros e foi o primeiro astrônomo a prever um eclipse. Conta a lenda que, numa de suas andanças, Tales tropeçou e caiu num poço. A pessoa que o tirou dali teria rido muito, dizendo-lhe: "Ei, Tales! Como você há de saber o que se passa no céu se não consegue ver o que se passa na terra?". Essa anedota consagrou a imagem do filósofo como alguém distraído, que se ocupa com coisas distantes e não enxerga o que se passa à sua volta.

No entanto, uma outra lenda oferece uma imagem oposta a essa. Narra a historieta que Heráclito de Éfeso, também um dos primeiros filósofos, costumava ser visitado por pessoas que desejavam ouvi-lo e imaginavam encontrá-lo isolado e mergulhado em profundas meditações. Heráclito, porém, as surpreendia, pois o encontravam na cozinha, junto ao fogo, ocupado com os afazeres domésticos e, sorrindo, ele lhes dizia: "Aqui também se encontram os deuses". Isto é, o que Heráclito estava querendo dizer é que em qualquer lugar é possível ocupar-se com a busca da verdade. Que não é preciso afastar-se da vida cotidiana e do contato com as pessoas para fazer filosofia.

É exatamente essa posição que a história atribui ao patrono dos filósofos, Sócrates. Baixinho, muito feio e tagarela, Sócrates costumava conversar com os atenienses na praça pública de Atenas. Interessava-se pelas opiniões das pessoas com quem convivia. Diz a história que, na realidade, Sócrates atormentava os atenienses porque não cessava de fazê-los cair em contradições quando estes pretendiam explicar-lhe por que julgavam ter opiniões corretas e verdadeiras.

"Você diz que respeita os corajosos", dizia Sócrates, "mas, diga-me, o que é a coragem?". Ou então: "Você diz que é uma pessoa justa, mas, diga-me, o que é a justiça?". E ainda: "Você diz que sua opinião é verdadeira, mas, diga-me, o que é a verdade?". Mostrando que a primeira resposta que o interlocutor oferecia era insuficiente, Sócrates a transformava numa nova pergunta cuja resposta contradizia a primeira e colocava o interlocutor em contradição consigo mesmo. E assim, de pergunta em pergunta, chegava o momento em que, enfurecido e cheio de dúvidas, o interlocutor reconhecia não saber o que sempre julgara que sabia. Nesse momento, dizia Sócrates, a pessoa estava pronta para começar a filosofar.

Contemplar o Universo, como Tales, ouvir a verdade divina, como Heráclito, conversar com as pessoas, como Sócrates, eis várias maneiras de fazer filosofia.

Nossos exemplos, porém, parecem levar-nos para um tempo muito distante, o da antiga Grécia, que nada (ou, relativamente, quase nada) tem em comum com o mundo atual. Seria a filosofia uma atividade antiga cuja prática não teria sentido nos dias atuais? Afinal, hoje em dia, um astrônomo não sai pelas ruas olhando para o céu, mas trabalha em observatórios com instrumentos técnicos de alta precisão. Um cientista não fica ao pé do fogo esperando ouvir a voz dos deuses, mas realiza investigações em laboratórios complexos e sofisticados. E quando queremos verificar se nossa opinião está correta ou incorreta, não saímos a conversar na praça pública, mas consultamos os serviços e centros de informação colocados à nossa disposição pela internet, ou emitimos nosso pensamento das coisas e do mundo nas chamadas "redes sociais".

Em suma, talvez seja preciso aceitar a desconfiança de muitos de que, em nossos dias, a filosofia não serve para nada. Essa falta de serventia pode ser mais bem percebida se examinarmos o que aconteceu com o significado de uma palavra grega, a palavra *sophía*, que está na formação da palavra *philosophía*, "filosofia".

A palavra *sophía* possuia dois sentidos que, para os gregos, eram inseparáveis: *saber* (conhecimento) e *sabedoria* (conduta moral). Ora, o pensamento moderno separou esses dois sentidos porque distinguiu entre "conhecimento racional" e "vida moral", entre "conhecer" e "agir". *Sabedoria* passou a significar "conhecimento científico e técnico". A distinção entre *conhecer* e *agir* levou também a diferenciar dois sentidos que estavam unidos numa outra palavra grega, a palavra *sóphos*, isto é, "sábio". Enquanto, para os gregos o sábio era, ao mesmo tempo, aquele que possuía conhecimentos verdadeiros sobre a realidade e aquele que agia de acordo com os valores morais, no pensamento moderno, sábio é aquele que possui conhecimentos científicos, técnicos, históricos, artísticos: é o cientista.

No entanto, é possível que a distância entre o passado e o presente seja muito menor do que parece à primeira vista e que a filosofia ainda tenha muito a dizer no mundo contemporâneo. Tomemos um exemplo que vai além de nosso tempo presente e se dirige a um futuro longínquo, no qual a ciência e as técnicas alcançam o máximo desenvolvimento e o máximo poder sobre os seres humanos. Indaguemos se o *passado grego* e o *futuro tecnológico*, isto é, dois tempos distantes do nosso, não seriam, na realidade, fontes para compreendermos nosso mundo e nosso presente. Em outras palavras, se não seriam caminhos para percebermos a validade da filosofia nos dias atuais.

Observemos, para tanto, o primeiro filme da trilogia *Matrix*.

## Conhece-te a ti mesmo

Quem viu o filme *Matrix* — antes que se tornasse o primeiro de uma série — há de se lembrar da cena em que o herói Neo é levado pelo guia Morfeu para ouvir o oráculo. Nesta cena aparece a sibila, a mulher que recebeu o oráculo (isto é, a mensagem) e que é também o oráculo (ou seja, a transmissora da mensagem). Essa mulher pergunta a Neo se ele leu o que está escrito sobre a porta de entrada da casa em que acabou de entrar. Ele diz que não. Ela então lê para ele as palavras, explicando-lhe que são de uma língua há muito desaparecida, o latim. O que está escrito? *Nosce te ipsum*. O que significa? "Conhece-te a ti mesmo." O oráculo diz a Neo que ele — e somente ele — poderá saber se é ou não aquele que vai livrar o mundo do poder da Matrix e, portanto, somente conhecendo a si mesmo ele terá a resposta.

**oráculo:** a palavra *oráculo* possui dois significados principais, que aparecem nas expressões "consultar um oráculo" e "receber um oráculo". No primeiro caso, significa "uma mensagem misteriosa" enviada por um deus como resposta a uma indagação feita por algum humano; é uma revelação divina que precisa ser decifrada e interpretada. No segundo, significa "uma pessoa especial", que recebe a mensagem divina e a transmite para quem enviou a pergunta à divindade, deixando que o interrogante decifre e interprete a resposta recebida. Entre os gregos antigos, essa pessoa especial costumava ser uma mulher e era chamada *sibila*.

Everett Collection/Keystone

Os atores Keanu Reeves (Neo), Carrie-Anne Moss (Trinity) e Laurence Fishburne (Morfeu), em cena do filme *Matrix*, dos irmãos Wachowski, EUA, 1999. O filme explora as fronteiras entre o real e o virtual.

Poucas pessoas que viram esse filme compreenderam exatamente o significado dessa cena, pois ela é a representação, no futuro, de um acontecimento do passado, ocorrido há 23 séculos, na Grécia.

Havia, na Grécia antiga, na cidade de Delfos, um santuário dedicado ao deus Apolo, deus da luz, da razão e do conhecimento verdadeiro, o patrono da sabedoria. Sobre o portal de entrada desse santuário estava escrita a grande mensagem do deus ou o principal oráculo de Apolo: "Conhece-te a ti mesmo". Um ateniense, chamado Sócrates, foi ao santuário consultar o oráculo, pois em Atenas, onde morava, muitos diziam que ele era um sábio e ele desejava saber o que significava ser um sábio e se ele poderia ser chamado de sábio. O oráculo, que era uma mulher, perguntou-lhe: "O que você sabe?". Ele respondeu: "Só sei que nada sei". Ao que o oráculo disse: "Sócrates é o mais sábio de todos os homens, pois é o único que sabe que não sabe". Sócrates, como todos sabem, é o patrono da filosofia.

## Neo e a Matrix

Se voltarmos ao filme *Matrix*, podemos perguntar por que foi feito o paralelo entre Neo e Sócrates.

Comecemos pelo nome dos dois personagens masculinos principais: Neo e Morfeu. Esses nomes são gregos.

*Neo* significa "novo" ou "renovado" e, quando dito de alguém, significa "jovem na força e no ardor da juventude".

*Morfeu* pertence à mitologia grega: era o nome de um espírito, filho do Sono e da Noite, que possuía asas e era capaz, num único instante, de voar em absoluto silêncio para as extremidades do mundo. Esvoaçando sobre um ser humano ou pousando levemente sobre sua cabeça, tocando-o com uma papoula vermelha, tinha o poder não só de fazê-lo adormecer e sonhar, mas também de aparecer-lhe no sonho, tomando forma humana. É dessa maneira que, no filme, Morfeu se comunica pela primeira vez com Neo, que desperta assustado com o ruído de uma mensagem na tela de seu computador. E, no primeiro encontro de ambos, Morfeu surpreende Neo por sua extrema velocidade, por ser capaz de voar e por parecer saber tudo a respeito desse jovem que não o conhece.

Várias vezes, Morfeu pergunta a Neo se ele tem sempre a impressão de estar dormindo e sonhando, como se nunca tivesse certeza de estar realmente desperto. Essa pergunta deixa de ser feita a partir do momento em que, entre uma pílula azul e uma vermelha oferecidas por Morfeu, Neo escolhe ingerir a vermelha (como a papoula da mitologia), que o fará ver a realidade. É Morfeu quem lhe mostra a Matrix, fazendo-o compreender que passou a vida inteira sem saber se estava desperto ou se dormia e sonhava porque, realmente, esteve sempre dormindo e sonhando.

O que é a Matrix? Essa palavra é latina. Deriva de *mater*, que quer dizer "mãe". Em latim, *matrix* é o órgão das fêmeas dos mamíferos onde o embrião e o feto se desenvolvem; é o útero. Na linguagem técnica, a matriz é o molde para fundição de uma peça; o circuito de codificadores e decodificadores das cores primárias (para produzir imagens na televisão) e dos sons (nos discos, fitas e filmes); e, na informática, é a rede de guias de entradas e saídas de elementos lógicos dispostos em determinadas intersecções.

No filme, a Matrix tem todos esses sentidos: ela é, ao mesmo tempo, um útero universal onde estão todos os seres humanos cuja vida real é "uterina" e cuja vida imaginária é forjada pelos circuitos de codificadores e decodificadores de cores e sons e pelas redes de guias de entrada e saída de sinais lógicos.

Qual é o poder da Matrix? Usar e controlar a inteligência humana para dominar o mundo, criando uma realidade virtual ou uma falsa realidade na qual todos acreditam. A Matrix é o feitiço virado contra o feiticeiro: criada pela inteligência humana, a Matrix é inteligência artificial que destrói a inteligência que a criou porque só subsiste sugando o sistema nervoso central dos humanos.

Antes que a palavra *computador* fosse usada correntemente, quando só havia as enormes máquinas militares e de grandes empresas, falava-se em "cérebro eletrônico". Por quê? Porque se tratava de um objeto técnico muito diferente de todos até então conhecidos pela humanidade. De fato, os objetos técnicos tradicionais ampliavam a força física dos seres humanos (o microscópio e o telescópio aumentam o limite dos olhos; o navio, o automóvel e o avião aumentam o alcance dos pés humanos; a alavanca, a polia, a chave de fenda, o martelo aumentam a força das mãos humanas; e assim por diante). Em contrapartida, o "cérebro eletrônico" ou computador amplia e mesmo substitui as capacidades mentais ou intelectuais dos seres humanos. A Matrix é o computador gigantesco que escraviza os homens, usando a mente deles para controlar as próprias percepções, sentimentos e pensamentos, fazendo-os crer que o aparente é real.

Vencer o poder da Matrix é destruir a aparência, restaurar a realidade e assegurar que os seres humanos possam perceber e compreender o mundo verdadeiro e viver realmente nele. Todos os combates realizados por Neo e seus companheiros são combates cerebrais e do sistema nervoso, isto é, são combates mentais entre os centros de sensação, percepção e pensamento humanos e os centros artificiais da Matrix. Ou seja, as armas e tiroteios que aparecem na tela são pura ilusão, não existem, pois o combate não é físico e sim mental.

## Neo e Sócrates

Por que os personagens do filme afirmam que Neo é "o escolhido"? Por que eles estão seguros de que ele será capaz de realizar o combate final e vencer a Matrix? Porque ele era um "pirata eletrônico", isto é, alguém capaz de invadir programas, decifrar códigos e mensagens, mas, sobretudo, porque ele também era um criador de programas de realidade virtual, um perito capaz de rivalizar com a própria Matrix e competir com ela. Por ter um poder semelhante ao dela, Neo sempre desconfiou de que a realidade não era exatamente tal como se apresentava. Sempre teve dúvidas quanto à realidade percebida e secretamente questionava o que era a Matrix. Essa interrogação o levou a vasculhar os circuitos internos da máquina (tanto assim que começou a ser perseguido por ela como alguém perigoso) e foram suas incursões secretas que o fizeram ser descoberto por Morfeu.

Por que Sócrates é considerado o "patrono da filosofia"? Porque jamais se contentou com as opiniões estabelecidas, com os preconceitos de sua sociedade, com as crenças inquestionadas de seus conterrâneos. Ele costumava dizer que era impelido por um "espírito interior" (como Morfeu instigando Neo) que o levava a desconfiar das aparências e procurar a realidade verdadeira de todas as coisas.

Sócrates andava pelas ruas de Atenas fazendo aos atenienses algumas perguntas: "O que é isso em que você acredita?", "O que é isso que você está dizendo?", "O que é isso que você está fazendo?". Os atenienses achavam, por exemplo, que sabiam o que era a justiça. Sócrates lhes fazia perguntas de tal maneira sobre a justiça que, embaraçados e confusos, chegavam à conclusão de que não sabiam o que ela significava. Os atenienses acreditavam que sabiam o que era a coragem. Com suas perguntas incansáveis, Sócrates os fazia concluir que não sabiam o que significava a coragem. Os atenienses acreditavam também que sabiam o que eram a bondade, a beleza, a verdade, mas um prolongado diálogo com Sócrates os fazia perceber que não sabiam o que era aquilo em que acreditavam.

A pergunta "O que é?" era o questionamento sobre a realidade essencial e profunda de uma coisa para além das aparências e contra as aparências. Com essa pergunta, Sócrates levava os atenienses a descobrir a diferença entre *parecer* e *ser*, entre mera *crença ou opinião* e *verdade*.

Sócrates era filho de uma parteira. Ele dizia que sua mãe ajudava o nascimento dos corpos e que ele também era um parteiro, mas não de corpos e sim de almas. Assim como sua mãe lidava com a matrix corporal, ele lidava com a matrix mental, auxiliando as mentes a libertar-se das aparências e buscar a verdade.

Como os de Neo, os combates socráticos eram também combates mentais ou de pensamento. E enfureceram de tal maneira os poderosos de Atenas que Sócrates foi condenado à morte, acusado de espalhar dúvidas sobre as ideias e os valores atenienses, corrompendo a juventude.

O paralelo entre Neo e Sócrates não se encontra apenas no fato de que ambos são instigados por "espíritos" que os fazem desconfiar das aparências, nem apenas pelo encontro com um oráculo e o "Conhece-te a ti mesmo", e nem apenas porque ambos lidam com matrizes. Podemos encontrá-lo também ao comparar a trajetória de Neo até o combate final no interior da Matrix e em uma das mais célebres e famosas passagens de um escrito de um discípulo de Sócrates, o filósofo Platão. Essa passagem encontra-se numa obra intitulada *A República* e chama-se "O mito da caverna".

## O mito da caverna

Imaginemos uma caverna separada do mundo externo por um alto muro. Entre o muro e o chão da caverna há uma fresta por onde passa um fino feixe de luz exterior, deixando a caverna na obscuridade quase completa. Desde o nascimento, geração após geração, seres humanos encontram-se ali, de costas para a entrada, acorrentados sem poder mover a cabeça nem locomover-se, forçados a olhar apenas a parede do fundo, vivendo sem nunca ter visto o mundo exterior nem a luz do Sol, sem jamais ter efetivamente visto uns aos outros nem a si mesmos, mas apenas sombras dos outros e de si mesmos, porque estão no escuro e imobilizados. Abaixo do muro, do lado de dentro da caverna, há um fogo que ilumina vagamente o interior sombrio e faz com que as coisas que se passam do lado de fora sejam projetadas como sombras nas paredes do fundo da caverna. Do lado de fora, pessoas passam conversando e carregando nos ombros figuras ou imagens de homens, mulheres e animais cujas sombras também são projetadas na parede da caverna, como num teatro de fantoches. Os prisioneiros julgam que as sombras de coisas e pessoas, os sons de suas falas e as imagens que transportam nos ombros são as próprias coisas externas, e que os artefatos projetados são seres vivos que se movem e falam.

**mito da caverna:** imagine que a caverna é uma sala de cinema escura, o fio de luz, a luminosidade lançada pelo projetor, e as imagens no fundo da parede da caverna, um filme que está sendo projetado numa tela.

Os prisioneiros se comunicam, dando nome às coisas que julgam ver (sem vê-las realmente, pois estão na obscuridade) e imaginam que o que escutam, e que não sabem que são sons vindos de fora, são as vozes das próprias sombras e não dos homens cujas imagens estão projetadas na parede; também imaginam que os sons produzidos pelos artefatos que esses homens carregam nos ombros são vozes de seres reais.

Qual é, pois, a situação dessas pessoas aprisionadas? Tomam sombras por realidade, tanto as sombras das coisas e dos homens exteriores como as sombras dos artefatos fabricados por eles. Essa confusão, porém, não tem como causa a natureza dos prisioneiros e sim as condições adversas em que se encontram. Que aconteceria se fossem libertados dessa condição de miséria?

Um dos prisioneiros, inconformado com a condição em que se encontra, decide abandoná-la. Fabrica um instrumento com o qual quebra os grilhões. De início, move a cabeça, depois o corpo todo; a seguir, avança na direção do muro e o escala. Enfrentando os obstáculos de um caminho íngreme e difícil, sai da caverna.

No primeiro instante, fica totalmente cego pela luminosidade do Sol, com a qual seus olhos não estão acostumados. Enche-se de dor por causa dos movimentos que seu corpo realiza pela primeira vez e pelo ofuscamento de seus olhos sob a luz externa, muito mais forte do que o fraco brilho do fogo que havia no interior da caverna. Sente-se dividido entre a incredulidade e o deslumbramento. Incredulidade porque será obrigado a decidir onde se encontra a realidade: no que vê agora ou nas sombras em que sempre viveu. Deslumbramento (literalmente: "ferido pela luz") porque seus olhos não conseguem ver com nitidez as coisas iluminadas.

The Bridgeman Art Library/Keystone

*A caverna de Platão*, gravura da Escola Francesa do século XVI.

Seu primeiro impulso é o de retornar à caverna para livrar-se da dor e do espanto, atraído pela escuridão, que lhe parece mais acolhedora. Além disso, precisa aprender a ver e esse aprendizado é doloroso, fazendo-o desejar a caverna onde tudo lhe é familiar e conhecido.

Sentindo-se sem disposição para regressar à caverna por causa da rudeza do caminho, o prisioneiro permanece no exterior. Aos poucos, habitua-se à luz e começa a ver o mundo. Encanta-se, tem a felicidade de finalmente ver as próprias coisas, descobrindo que estivera prisioneiro a vida toda e que em sua prisão vira apenas sombras. Doravante, desejará ficar longe da caverna para sempre e lutará com todas as suas forças para jamais regressar a ela. No entanto, não pode evitar lastimar a sorte dos outros prisioneiros e, por fim, toma a difícil decisão de regressar ao subterrâneo sombrio para contar aos demais o que viu e convencê-los a se libertarem também.

Que lhe acontece nesse retorno? Os demais prisioneiros zombam dele, não acreditando em suas palavras e, se não conseguem silenciá-lo com suas caçoadas, tentam fazê-lo espancando-o. Se mesmo assim ele teima em afirmar o que viu e os convida a sair da caverna, certamente acabarão por matá-lo. Mas, quem sabe, alguns podem ouvi-lo e, contra a vontade dos demais, também decidir sair da caverna rumo à realidade?

O que é a caverna? O mundo de aparências em que vivemos. Que são as sombras projetadas no fundo? As coisas que percebemos. Que são os grilhões e as correntes? Nossos preconceitos e opiniões, nossa crença de que o que estamos percebendo é a realidade. Quem é o prisioneiro que se liberta e sai da caverna? O filósofo. O que é a luz do Sol? A luz da verdade. O que é o mundo iluminado pelo sol da verdade? A realidade. Qual o instrumento que liberta o prisioneiro rebelde e com o qual ele deseja libertar os outros prisioneiros? A filosofia.

## Nossas crenças costumeiras

Em nossa vida cotidiana, afirmamos, negamos, desejamos, aceitamos ou recusamos coisas, pessoas, situações. Fazemos perguntas como "Que horas são?" ou "Que dia é hoje?". Dizemos frases como "Ele está sonhando" ou "Ela ficou maluca". Fazemos afirmações como "Onde há fumaça, há fogo" ou "Não saia na chuva para não se resfriar". Avaliamos coisas e pessoas, dizendo, por exemplo, "Esta casa é mais bonita do que a outra" e "Maria está mais jovem do que Glorinha".

Numa disputa, quando os ânimos estão exaltados, um dos contendores pode gritar ao outro: "Mentiroso! Eu estava lá e não foi isso o que aconteceu", e alguém, querendo acalmar a briga, pode dizer: "Vamos pôr a cabeça no lugar, cada um seja bem objetivo e diga o que viu, porque assim todos poderão se entender".

Também é comum ouvirmos os pais e amigos dizerem que quando o assunto é o namorado ou a namorada, não somos capazes de ver as coisas como elas são, que vemos o que ninguém vê e não vemos o que todo mundo está vendo. Dizem, nesse caso, que somos "muito subjetivos". Ou, como diz o ditado, que "quem ama o feio, bonito lhe parece".

Frequentemente, quando aprovamos uma pessoa, o que ela diz, como ela age, dizemos que essa pessoa "é legal". Vejamos um pouco mais de perto o que dizemos em nosso cotidiano.

Quando pergunto "Que horas são?" ou "Que dia é hoje?", minha expectativa é a de que alguém, tendo um relógio ou um calendário, me dê a resposta exata. Em que acredito quando faço a pergunta e aceito a resposta? Acredito que o tempo existe, que ele passa, pode ser medido em horas e dias, que o que já passou é diferente do agora e que o que virá também há de ser diferente deste momento, que o passado pode ser lembrado ou esquecido e o futuro, desejado ou temido. Assim, uma simples pergunta contém, silenciosamente, várias **crenças**.

Por que "crenças"? Porque são coisas ou ideias em que acreditamos sem questionar, que aceitamos porque são óbvias, evidentes. Afinal, quem não sabe que ontem é diferente de amanhã, que o dia tem horas e que elas passam sem cessar?

Quando digo "Ele está sonhando" para me referir a alguém que está acordado e diz ou pensa alguma coisa que julgo impossível ou improvável, tenho igualmente muitas crenças silenciosas: acredito que sonhar é diferente de estar acordado, que, no sonho, o impossível e o improvável se apresentam como possível e provável, e também que o sonho se relaciona com o irreal, enquanto a vigília se relaciona com o que existe realmente. Acredito, portanto, que a realidade existe fora de mim, que posso percebê-la e conhecê-la tal como é, e por isso creio que sei diferenciar realidade de ilusão.

A frase "Ela ficou maluca" contém essas mesmas crenças e mais uma: a de que sabemos diferenciar entre sanidade mental e loucura, que a sanidade mental se chama razão e que maluca é a pessoa que perde a razão e inventa uma realidade existente só para ela. Assim, ao acreditar que sei distinguir entre razão e loucura, acredito também que a razão se refere a uma realidade que é a mesma para todos, ainda que não gostemos das mesmas coisas.

Quando alguém diz "Onde há fumaça, há fogo" ou "Não saia na chuva para não se resfriar", afirma silenciosamente muitas crenças: acredita que existem relações de causa e efeito entre as coisas, que onde houver uma coisa certamente houve uma causa para a sua existência, ou que essa coisa é causa de alguma outra (o fogo é uma causa e a fumaça é seu efeito, a chuva é causa do resfriado ou o resfriado é efeito da chuva). Acreditamos, assim, que a realidade é feita de causalidades, que as coisas, os fatos, as situações se encadeiam em relações de causa e efeito que podem ser conhecidas por nós e, até mesmo, ser controladas por nós para o uso de nossa vida.

## Exercendo nossa liberdade

Quando dizemos que uma casa é mais bonita do que a outra ou que Maria está mais jovem do que Glorinha, acreditamos que as coisas, as pessoas, as situações, os fatos podem ser comparados e avaliados, julgados por sua qualidade (bonito, feio, bom, ruim, jovem, velho, engraçado, triste, limpo, sujo) ou por sua quantidade (muito, pouco, mais, menos, maior, menor, grande, pequeno, largo, estreito, comprido, curto). Julgamos, assim, que as qualidades e as quantidades existem, que podemos conhecê-las e usá-las em nossa vida.

Se dissermos, por exemplo, que o Sol é maior do que o vemos, estamos acreditando que nossa percepção alcança as coisas de modos diferentes, às vezes tais como são em si mesmas (a folha deste livro, bem à nossa frente, é percebida como branca e, de fato, ela o é), outras vezes tais como nos parecem (o Sol, de fato, é maior do que o disco dourado que vemos ao longe), dependendo da distância, de nossas condições de visibilidade ou da localização e do movimento dos objetos. Por isso acreditamos que nossa visão pode ver as coisas diferentemente do que elas são, mas nem por isso diremos que estamos sonhando ou que ficamos malucos.

Acreditamos, assim, que vemos as coisas nos lugares em que elas estão ou do lugar em que estamos e que a percepção visual varia conforme elas estejam próximas ou distantes de nós. Isso significa que acreditamos que elas e nós ocupamos lugares no espaço e, portanto, cremos que este existe, pode ser diferenciado (perto, longe, alto, baixo) e medido (comprimento, largura, altura).

Na briga, quando alguém chama o outro de mentiroso porque não estaria dizendo os fatos exatamente como aconteceram, está presente a nossa crença de que há diferença entre verdade e mentira. A primeira diz as coisas tais como são, enquanto a segunda faz exatamente o contrário, distorcendo a realidade.

No entanto, consideramos a mentira diferente do sonho, da loucura e do erro, porque o sonhador, o louco e o que erra se iludem involuntariamente, enquanto o mentiroso decide voluntariamente deformar a realidade e os fatos. Com isso, acreditamos que o erro e a mentira são falsidades, mas são diferentes porque somente na mentira há a decisão de falsear.

Ao diferenciarmos erro de mentira, considerando o primeiro uma ilusão ou um engano involuntário e a segunda uma decisão voluntária, manifestamos silenciosamente a crença de que somos seres dotados de vontade e que dela depende dizer a verdade ou a mentira.

Ao mesmo tempo, porém, nem sempre avaliamos a mentira como alguma coisa ruim: não gostamos tanto de ler romances, ver novelas, assistir a filmes? E não são mentira? É que também acreditamos que, quando alguém nos avisa que está mentindo, a mentira é aceitável, não é uma mentira "no duro", "pra valer".

Quando distinguimos entre verdade e mentira e diferenciamos mentiras inaceitáveis de mentiras aceitáveis, não estamos apenas nos referindo ao conhecimento ou desconhecimento da realidade, mas também ao caráter da pessoa, à sua moral. Acreditamos, portanto, que as pessoas, porque possuem vontade, podem ser morais ou imorais, pois cremos que a vontade é o poder para escolher entre o Bem e o Mal. E sobretudo acreditamos que exercer tal poder é exercer a liberdade, pois acreditamos que somos livres porque escolhemos voluntariamente nossas ações, nossas ideias, nossos sentimentos.

## Conhecendo as coisas

Na briga, quando uma terceira pessoa pede às outras duas para que digam o que realmente viram ou que sejam "objetivas", ou quando falamos dos namorados como incapazes de ver as coisas como são ou como sendo "muito subjetivos", também temos várias crenças silenciosas.

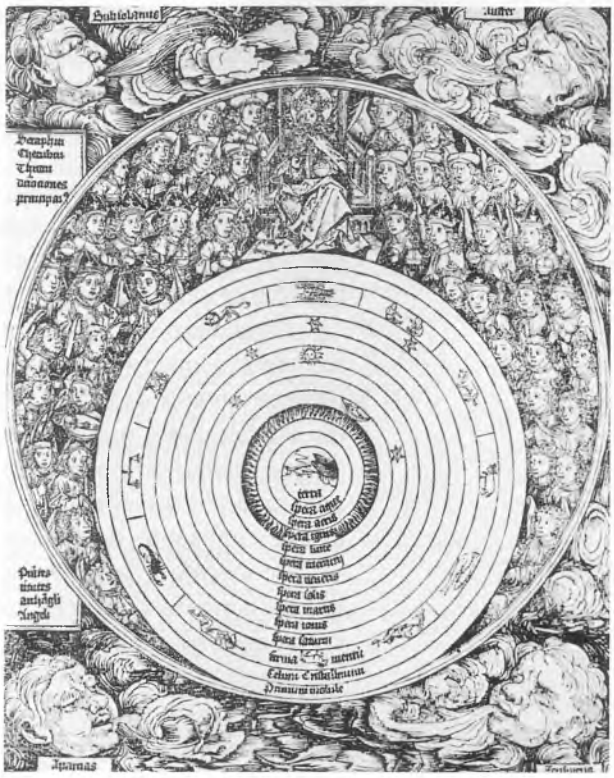
De fato, acreditamos que quando alguém quer defender muito intensamente um ponto de vista, uma preferência, uma opinião e é até capaz de brigar por isso, pode "perder a objetividade" e deixar-se guiar apenas pelos seus sentimentos e não pela realidade. Da mesma maneira, acreditamos que os apaixonados se tornam incapazes de ver as coisas como são, de ter uma "atitude objetiva", e que sua paixão os faz ficar "muito subjetivos". Em que acreditamos, então?

Acreditamos que ter objetividade é ter uma atitude imparcial que percebe e compreende as coisas tais como são verdadeiramente, enquanto a subjetividade é uma atitude parcial, pessoal, ditada por sentimentos variados (amor, ódio, medo, desejo). Assim, não só acreditamos que a objetividade e a subjetividade existem, como ainda acreditamos que são diferentes, sendo que a primeira percebe perfeitamente a realidade e não a deforma, enquanto a segunda não percebe adequadamente a realidade e, voluntária ou involuntariamente, a deforma.

Ao dizermos que alguém "é legal" porque tem os mesmos gostos, as mesmas ideias, respeita ou despreza as mesmas coisas que nós e tem atitudes, hábitos e costumes muito parecidos com os nossos, estamos, silenciosamente, acreditando que a vida com as outras pessoas — família, amigos, escola, trabalho, sociedade — nos faz semelhantes ou diferentes em decorrência de normas e valores morais, políticos, religiosos e artísticos, regras de conduta, finalidades de vida.

Achamos óbvio que todos os seres humanos seguem regras e normas de conduta, possuem valores morais, religiosos, políticos, artísticos, vivem na companhia de seus semelhantes e procuram distanciar-se dos diferentes dos quais discordam e com os quais entram em conflito. Isso significa que acreditamos que somos seres sociais, morais e racionais, pois regras, normas, valores, finalidades só podem ser estabelecidos por seres conscientes e dotados de raciocínio.

Como se pode notar, nossa vida cotidiana é toda feita de *crenças silenciosas*, da aceitação de coisas e ideias que nunca questionamos porque nos parecem naturais, óbvias. Cremos na existência do espaço e do tempo, na realidade exterior e na diferença entre realidade e sonho, assim como na diferença entre sanidade mental ou razão e loucura. Cremos na existência das qualidades e das quantidades. Cremos que somos seres racionais capazes de conhecer as coisas e por isso acreditamos na existência da verdade e na diferença entre verdade e mentira; cremos também na objetividade e na diferença entre ela e a subjetividade. Cremos na existência da vontade e da liberdade e por isso cremos na existência do Bem e do Mal, crença que nos faz aceitar como perfeitamente natural a existência da moral e da religião. Cremos também que somos seres que naturalmente precisam de seus semelhantes e por isso tomamos como um fato óbvio e inquestionável a existência da sociedade com suas regras, normas, permissões e proibições. Haver sociedade é, para nós, tão natural quanto haver Sol, Lua, dia, noite, chuva, rios, mares, céu e florestas.



ETTMANN/CORBIS

Até o início do século XVI, as pessoas acreditavam no modelo de Universo proposto por Ptolomeu, matemático e astrônomo alexandrino que viveu no século II. Nesse modelo, a Terra ocupa o centro do Universo, como se vê nesta ilustração de 1492.

## E se não for bem assim?

Quando, em *Matrix*, Neo pergunta: "Onde estamos?", Morfeu lhe diz que a pergunta está equivocada, pois o correto seria perguntar: "Quando estamos?". Ou seja, Neo pergunta pelo lugar ou pela realidade espacial — onde? —, mas teria de perguntar pela realidade temporal — quando? Ao mostrar-lhe que não estão vivendo no ano de 1999 e sim no século XXI, Morfeu pode mostrar a Neo onde realmente estão vivendo: num mundo destruído e arruinado, vazio de coisas e de pessoas, pois todos os seres humanos estão aprisionados no interior da Matrix. O que Neo julgava ser o mundo real é pura ilusão e aparência.

Para fazê-lo compreender o que se passa, Morfeu (como sua origem mitológica indica) faz com que incessante e velozmente tudo mude de forma, cor, tamanho, lugar e tempo, de maneira que Neo tenha de perguntar se o espaço e o tempo existem realmente.

Quando é levado ao oráculo, Neo presencia fatos surpreendentes: vê crianças realizando prodígios, como entortar e desentortar uma colher sem tocar nela, ou manter soltos no ar e em movimento cubos sem neles tocar. Diante de sua surpresa, a criança que entorta e desentorta a colher lhe diz simplesmente: "A colher não existe". Neo está diante de uma contradição entre visão e realidade: o que ele vê não existe e o que existe não é visto por ele.

Exatamente por isso e por estar perplexo, sem compreender o que se passa, é que o oráculo lhe mostra a inscrição sobre a porta — "Conhece-te a ti mesmo" —, indicando-lhe que antes de tentar resolver os enigmas do mundo externo será mais proveitoso que comece compreendendo-se a si mesmo.

Quantas vezes não passamos por situações desse tipo, que nos levam a desconfiar ora das coisas, ora de nós mesmos, ora dos outros?

Cremos que nossa vontade é livre para escolher entre o Bem e o Mal. Cremos também na necessidade de obedecer às normas e às regras de nossa sociedade. Que acontece, porém, quando, numa situação, nossa vontade nos indica que é bom fazer ou querer algo que nossa sociedade proíbe ou condena? Ou, ao contrário, quando nossa vontade julga que será um mal e uma injustiça querer ou fazer algo que nossa sociedade exige ou obriga? Ou seja, há momentos em nossa vida em que vivemos um conflito entre o que nossa liberdade deseja (porque nossa vontade julga ser isso o melhor) e o que nossa sociedade determina e impõe.

Cremos na existência do tempo, isto é, num transcorrer que não depende de nós, e cremos que podemos medi-lo com instrumentos como o relógio e o cronômetro. No entanto, quando estamos à espera de alguma coisa muito desejada ou de alguém muito querido, o tempo parece não passar, a demora é longa, interminável; olhamos para o relógio e nele o tempo está passando, sem corresponder à nossa impressão de que está quase parado. Ao contrário, se estamos numa situação de muita satisfação (uma festa, um espetáculo de música e dança, um encontro amoroso, um passeio com amigos queridos), o tempo voa, passa velozmente, ainda que o relógio mostre que se passaram várias horas.

Vemos que o Sol nasce a leste e se põe a oeste, que sua presença é o dia e sua ausência é a noite. Nossos olhos nos fazem acreditar que o Sol se move à volta da Terra e que esta permanece imóvel. Quando, durante muitas noites seguidas, acompanhamos a posição das estrelas no céu, vemos que elas mudam de lugar e acreditamos que se movem à nossa volta, enquanto a Terra permanece na imobilidade. No entanto, a astronomia demonstra que não é isso que acontece. A Terra é um planeta num sistema cuja estrela central se chama Sol, ou seja, a Terra é um planeta do Sistema Solar e ela, juntamente com outros planetas, é que se move à volta do Sol, num movimento de translação. Além desse movimento, ela ainda realiza um outro, o de rotação em torno de seu eixo invisível. O movimento de translação explica a existência do ano e o de rotação explica a existência do dia e da noite. Assim, há uma contradição entre nossa crença na imobilidade da Terra e a informação astronômica sobre os movimentos terrestres.

Esses exemplos assemelham-se às experiências e desconfianças de Neo: por um lado, tudo parece certinho e como tem de ser e, por outro, parece que tudo poderia estar errado ou ser ilusão. Temos a crença na liberdade, mas somos dominados pelas regras de nossa sociedade. Temos experiência do tempo parado ou do tempo ligeiro, mas o relógio não comprova essa experiência. Temos a percepção do Sol e das estrelas em movimento à volta da Terra imóvel, mas a astronomia nos ensina o contrário.

## Momentos de crise

Esses conflitos entre várias de nossas crenças ou entre nossas crenças e um saber estabelecido indicam a principal circunstância em que somos levados a mudar de atitude. Quando uma crença contradiz outra ou parece incompatível com outra, ou quando aquilo em que sempre acreditamos é contrariado por uma outra forma de conhecimento, entramos em **crise**. Algumas pessoas se esforçam para fazer de conta que não há problema algum e vão levando a vida como se tudo estivesse "muito bem, obrigado". Outras, porém, sentem-se impelidas a indagar qual é a origem, o sentido e a realidade de nossas crenças.

É assim que o conflito entre minha vontade e as regras de minha sociedade me levam a colocar a seguinte questão: sou livre quando quero ou faço algo que contraria minha sociedade, ou sou livre quando domino minha vontade e a obrigo a aceitar o que minha sociedade determina? Ou seja, sou livre quando sigo minha vontade ou quando sou capaz de controlá-la? Ora, para responder a essa questão, precisamos fazer outras perguntas, mais profundas. Temos de perguntar "O que é a liberdade?", "O que é a vontade?", "O que é a sociedade?", "O que são o Bem e o Mal, o justo e o injusto?".

É assim também que as experiências do tempo parado e do tempo veloz e a do tempo marcado pelo relógio nos levam a indagar: "Como é possível que haja duas realidades temporais diferentes, a marcada pelo relógio e a vivida por nós?", "Qual é o tempo real e verdadeiro?". Mas, para responder a essas perguntas, novamente é preciso fazer uma pergunta mais profunda e indagar: "O que é o tempo?".

Da mesma maneira, a diferença entre nossa percepção da imobilidade da Terra e mobilidade do Sol e o que ensina a astronomia leva-nos a perguntar: "Se não percebemos os movimentos da Terra e se nossos olhos se enganam tão profundamente, será que poderemos sempre confiar em nossa percepção visual ou devemos sempre desconfiar dela?", "Será que percebemos as coisas como realmente são?". Para responder a essas perguntas, precisamos fazer duas outras, mais profundas: "O que é perceber?" e "O que é realidade?".

COMPANHIA DAS LETRAS, 2007

Quadrinhos da história "O véu", que compõe o livro *Persépolis*, da cartunista iraniana Marjane Satrapi. A história é narrada em primeira pessoa e conta as peripécias vividas pela própria autora no Irã dos aiatolás.

O que está por trás de tais perguntas? O fato de que estamos mudando de atitude. Quando o que era objeto de crença aparece como algo contraditório ou problemático e por isso se transforma em indagação ou interrogação, estamos passando da atitude costumeira à *atitude filosófica*.

Essa mudança de atitude indica algo bastante preciso: quem não se contenta com as crenças ou opiniões preestabelecidas, quem percebe contradições e incompatibilidades entre elas, quem procura compreender o que elas são e por que são problemáticas está exprimindo um desejo, o *desejo de saber*. E é exatamente isso o que, na origem, a palavra *filosofia* significa, pois, em grego, *philosophía* quer dizer "amor à sabedoria".

## Buscando a saída da caverna ou a atitude filosófica

Imaginemos, portanto, alguém que tomasse a decisão de não aceitar as opiniões estabelecidas e começasse a fazer perguntas que os outros julgam estranhas e inesperadas. Em vez de "Que horas são?" ou "Que dia é hoje?", perguntasse "O que é o tempo?". Em vez de dizer "Está sonhando" ou "Ficou maluca", quisesse saber "O que é o sonho, a loucura, a razão?".

Suponhamos que essa pessoa fosse substituindo suas afirmações por perguntas e em vez de dizer "Onde há fumaça, há fogo" ou "Não saia na chuva para não ficar resfriado", perguntasse "O que é causa?", "O que é efeito?"; ou, se em lugar de dizer "Seja objetivo" ou "Eles são muito subjetivos", perguntasse "O que é a objetividade?", "O que é a subjetividade?"; e, ainda, se em vez de afirmar "Esta casa é mais bonita do que a outra", perguntasse "O que é 'mais'?", "O que é 'menos'?", "O que é o belo?".

Em vez de gritar "Mentiroso!", questionasse: "O que é a verdade?", "O que é o falso?", "O que é o erro?", "O que é a mentira?", "Quando existe verdade e por quê?", "Quando existe ilusão e por quê?".

Se, em vez de falar na subjetividade dos namorados, inquirisse: "O que é o amor?", "O que é o desejo?", "O que são os sentimentos?".

Se, em lugar de discorrer tranquilamente sobre "maior" e "menor" ou "claro" e "escuro", resolvesse investigar: "O que é a quantidade?", "O que é a qualidade?".

E se, em vez de afirmar que gosta de alguém porque possui as mesmas ideias, os mesmos gostos, as mesmas preferências e os mesmos valores, preferisse analisar: "O que é um valor?", "O que é um valor moral?", "O que é um valor artístico?", "O que é a moral?", "O que é a vontade?", "O que é a liberdade?".

Alguém que tomasse essa decisão estaria tomando distância da vida cotidiana e de si mesmo, teria passado a indagar o que são as crenças e os sentimentos que alimentam, silenciosamente, nossa existência. Ao tomar essa distância, estaria interrogando a si mesmo, desejando conhecer por que cremos no que cremos, por que sentimos o que sentimos e o que são nossas crenças e nossos sentimentos. Esse alguém estaria começando a cumprir o que dizia o oráculo de Delfos: "Conhece-te a ti mesmo". E estaria começando a adotar o que chamamos de **atitude filosófica**.

Assim, uma primeira resposta à pergunta "O que é filosofia?" poderia ser: "A decisão de não aceitar como naturais, óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido".

Perguntaram, certa vez, a um filósofo: "Para que filosofia?". E ele respondeu: "Para não darmos nossa aceitação imediata às coisas, sem maiores considerações".

Podemos dizer que a filosofia surge quando os seres humanos começam a exigir provas e justificações racionais que validem ou invalidem as crenças cotidianas.

Por que racionais? Por três motivos principais: em primeiro lugar, porque *racional* significa argumentado, debatido e compreendido; em segundo, porque *racional* significa que, ao argumentar e debater, queremos conhecer as condições e os pressupostos de nossos pensamentos e os dos outros; em terceiro, porque *racional* significa respeitar certas regras de coerência do pensamento para que um argumento ou um debate tenham sentido, chegando a conclusões que podem ser compreendidas, discutidas, aceitas e respeitadas por outros.

Será que percebemos as coisas como realmente são?

Hulton Deutsch Collection/Corbis

## A atitude crítica

A primeira característica da atitude filosófica é negativa, isto é, um "dizer não" aos "pré-conceitos", aos "pré-juízos", aos fatos e às ideias da experiência cotidiana, ao que "todo mundo diz e pensa", ao estabelecido. Numa palavra, é colocar entre parênteses nossas crenças para poder interrogar *quais são suas causas* e *qual é seu sentido*.

A segunda característica da atitude filosófica é positiva, isto é, uma interrogação sobre *o que são* as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os comportamentos, os valores, nós mesmos. É também uma interrogação sobre o *porquê* e o *como* disso tudo e de nós próprios. "O que é?", "Por que é?", "Como é?". Essas são as indagações fundamentais da atitude filosófica.

A face negativa e a face positiva da atitude filosófica constituem o que chamamos de **atitude crítica**.

Por que "crítica"?

Em geral, julgamos que a palavra *crítica* significa ser do contra, dizer que tudo vai mal, que tudo está errado, que tudo é feio ou desagradável. Crítica é mau humor, coisa de gente chata ou pretensiosa que acha que sabe mais que os outros. Mas não é isso que essa palavra quer dizer.

A palavra *crítica* vem do grego e possui três sentidos principais: 1) "capacidade para julgar, discernir e decidir corretamente"; 2) "exame racional de todas as coisas sem preconceito e sem pré-julgamento"; 3) "atividade de examinar e avaliar detalhadamente uma ideia, um valor, um costume, um comportamento, uma obra artística ou científica". A atitude filosófica é uma atitude "crítica" porque preenche esses três significados da noção de *crítica*, a qual, como se observa, é inseparável da noção de *racional*, que vimos anteriormente.

A filosofia começa dizendo "não" às crenças e aos preconceitos do dia a dia para que possam ser avaliados racional e criticamente, admitindo que não sabemos o que imaginávamos saber. Ou, como dizia Sócrates, começamos a buscar o conhecimento quando somos capazes de dizer: "Só sei que nada sei".

Para Platão, o discípulo de Sócrates, a filosofia começa com a *admiração* ou, como escreve seu discípulo Aristóteles, a filosofia começa com o *espanto*, "... pois os homens começam e começaram sempre a filosofar movidos pelo espanto (...). Aquele que se coloca uma dificuldade e se espanta, reconhece sua própria ignorância. (...) De sorte que, se filosofaram, foi para fugir da ignorância".

*Admiração* e *espanto* significam que reconhecemos nossa ignorância e exatamente por isso podemos superá-la. Nós nos espantamos quando, por meio de nosso pensamento, tomamos distância do nosso mundo costumeiro, olhando-o como se nunca o tivéssemos visto antes, como se não tivéssemos tido família, amigos, professores, livros e outros meios de comunicação que nos tivessem dito o que o mundo é; como se estivéssemos acabando de nascer para o mundo e para nós mesmos e precisássemos perguntar o que é, por que é e como é o mundo, e precisássemos perguntar também o que somos, por que somos e como somos.

A filosofia inicia sua investigação num momento muito preciso: naquele instante em que abandonamos nossas certezas cotidianas e não dispomos de nada para substituí-las ou para preencher a lacuna deixada por elas. Em outras palavras, a filosofia se interessa por aquele instante em que a realidade natural (o mundo das coisas) e a realidade histórico-social (o mundo dos homens) tornam-se estranhas, espantosas, incompreensíveis e enigmáticas, quando as opiniões estabelecidas disponíveis já não nos podem satisfazer. Ou seja, a filosofia volta-se preferencialmente para os *momentos de crise* no pensamento, na linguagem na ação, pois é nesses momentos críticos que se manifesta mais claramente a exigência de fundamentação das ideias, dos discursos e das práticas.

Assim como cada um de nós, quando possui desejo de saber, vai em direção à atitude filosófica ao perceber contradições, incoerências, ambiguidades ou incompatibilidades entre nossas crenças cotidianas, assim também a filosofia tem especial interesse pelos momentos de crise ou momentos críticos, quando sistemas religiosos, éticos, políticos, científicos e artísticos estabelecidos se envolvem em contradições internas ou contradizem-se uns aos outros e buscam transformações e mudanças cujo sentido ainda não está claro e precisa ser compreendido.

## Para que filosofia?

Ora, muitos fazem uma outra pergunta: "Afinal, para que filosofia?". É uma pergunta interessante. Não vemos nem ouvimos ninguém perguntar, por exemplo, "Para que matemática ou física?", "Para que geografia ou geologia?", "Para que história ou sociologia?", "Para que biologia ou psicologia?", "Para que astronomia ou química?", "Para que pintura, literatura, música ou dança?". Mas todo mundo acha muito natural perguntar "Para que filosofia?".

Em geral, essa pergunta costuma receber uma resposta irônica, conhecida dos estudantes de filosofia: "A filosofia é uma ciência com a qual e sem a qual o mundo permanece tal e qual". Ou seja, a filosofia não serve para nada. Por isso, costuma-se chamar de "filósofo" alguém sempre distraído, com a cabeça no mundo da lua, pensando e dizendo coisas que ninguém entende e que são completamente inúteis, como no episódio de Tales de Mileto que abre esta Introdução.

Essa pergunta, "Para que filosofia?", tem a sua razão de ser. Em nossa cultura e em nossa sociedade, costumamos considerar que alguma coisa só tem o direito de existir se tiver alguma finalidade prática muito visível e de utilidade imediata, de modo que, quando se pergunta "Para quê?", o que se quer saber é: "Qual a utilidade?", "Para que serve isso?", "Que uso proveitoso ou vantajoso posso fazer disso?".

Eis por que ninguém pergunta "Para que as ciências?", pois todo mundo imagina ver a utilidade das ciências nos produtos da técnica, isto é, na aplicação dos conhecimentos científicos para criar instrumentos de uso, desde o cronômetro, o telescópio e o microscópio até a luz elétrica, a geladeira, o automóvel, o avião, a máquina de lavar roupa ou louça, o telefone, o rádio, a televisão, o cinema, a máquina de raios X, o computador, os objetos de plástico, etc.

Todo mundo também imagina ver a utilidade das artes, tanto por causa da compra e venda das obras de arte (tidas como mais importantes quanto mais altos forem seus preços no mercado), como porque nossa cultura vê os artistas como gênios que merecem ser valorizados para o elogio da humanidade (ao mesmo tempo que, paradoxalmente, nossa sociedade é capaz de rejeitá-los e maltratá-los se suas obras forem verdadeiramente revolucionárias e inovadoras, pois, nesses casos, não são "úteis" para o estabelecido). Ninguém, todavia, consegue ver para que serviria a filosofia, donde dizer-se: "Não serve para coisa alguma".

Parece, porém, que o senso comum não enxerga algo que os cientistas sabem muito bem. As ciências pretendem ser conhecimentos verdadeiros, obtidos graças a procedimentos rigorosos de pensamento; pretendem agir sobre a realidade, por meio de instrumentos e objetos técnicos; pretendem fazer progressos nos conhecimentos, corrigindo-os e aumentando-os.

Ora, todas essas pretensões das ciências pressupõem que elas admitem a existência da verdade, a necessidade de procedimentos corretos para bem usar o pensamento, o estabelecimento da tecnologia como aplicação prática de teorias, e, sobretudo, que elas confiam na racionalidade dos conhecimentos, isto é, que eles são válidos não só porque explicam os fatos, mas também porque podem ser corrigidos e aperfeiçoados.

Verdade, pensamento racional, procedimentos especiais para conhecer fatos, aplicação prática de conhecimentos teóricos, correção e acúmulo de saberes: *esses objetivos e propósitos das ciências não são científicos, são filosóficos e dependem de questões filosóficas*. O cientista parte delas como questões já respondidas, mas é a filosofia quem as formula e busca respostas para elas.

Assim, o trabalho das ciências pressupõe, como condição, o trabalho da filosofia, mesmo que o cientista não seja filósofo. No entanto, como apenas os cientistas e filósofos sabem disso, a maioria das pessoas, envolvidas pelo senso comum, continua afirmando que a filosofia não serve para nada.

Para dar alguma utilidade à filosofia, muitos consideram que é preciso determinar claramente o uso que se pode fazer dela. Dizem então que, de fato, a filosofia não serve para nada, se "servir" for entendido como a possibilidade de fazer usos técnicos dos produtos filosóficos ou dar-lhes utilidade econômica, obtendo lucros com eles; consideram também que a parte principal ou mais importante da filosofia nada tem a ver com as ciências e as técnicas.

Para quem pensa dessa forma, o interesse da filosofia não estaria nos conhecimentos (que ficam por conta da ciência) nem nas aplicações práticas de teorias (que ficam por conta da tecnologia), mas nos ensinamentos morais ou éticos. A filosofia seria a arte do bem-viver ou da vida correta e virtuosa. Estudando as paixões e os vícios humanos, a liberdade e a vontade, analisando a capacidade de nossa razão para impor limites aos nossos desejos e paixões, ensinando-nos a viver de modo honesto e justo na companhia dos outros seres humanos, a filosofia teria como finalidade ensinar-nos a virtude, que é o princípio do bem-viver.

Essa definição da filosofia, porém, não nos ajuda muito. De fato, mesmo para ser uma arte moral ou ética, ou uma arte do bem-viver, a filosofia continua fazendo suas perguntas desconcertantes e embaraçosas: "O que é o homem?", "O que é a vontade?", "O que é a paixão?", "O que é a razão?", "O que é o vício?", "O que é a virtude?", "O que é a liberdade?", "Como nos tornamos livres, racionais e virtuosos?", "Por que a liberdade e a virtude são valores para os seres humanos?", "O que é um valor?", "Por que avaliamos os sentimentos e as ações humanas?".

Assim, mesmo se disséssemos que o objeto da filosofia não é o conhecimento da realidade, nem o conhecimento da nossa capacidade para conhecer, mesmo se disséssemos que o objeto da filosofia é apenas a vida moral ou ética, ainda assim o estilo filosófico e a atitude filosófica permaneceriam os mesmos, pois as perguntas filosóficas — *o quê*, *por que* e *como* — permanecem.

## Atitude filosófica: *indagar*

Se, por enquanto, deixarmos de lado os objetos com os quais a filosofia se ocupa, veremos que a atitude filosófica possui algumas características que são as mesmas, independentemente do conteúdo investigado. Essas características são:

- perguntar *o que é* (uma coisa, um valor, uma ideia, um comportamento). Ou seja, a filosofia pergunta qual é a realidade e qual é a significação de algo, não importa o quê;
- perguntar *como é* (uma coisa, uma ideia, um valor, um comportamento). Ou seja, a filosofia indaga como é a estrutura ou o sistema de relações que constitui a realidade de algo;
- perguntar *por que é* (uma coisa, uma ideia, um valor, um comportamento). Ou seja, por que algo existe, qual é a origem ou a causa de uma coisa, de uma ideia, de um valor, de um comportamento.

A atitude filosófica inicia-se dirigindo essas indagações ao mundo que nos rodeia e às relações que mantemos com ele. Pouco a pouco, descobre que essas questões pressupõem a figura daquele que interroga e que elas exigem que seja explicada a tendência do ser humano a interrogar o mundo e a si mesmo com o desejo de conhecê-lo e conhecer-se. Em outras palavras, a filosofia compreende que *precisa conhecer nossa capacidade de conhecer*, que *precisa pensar sobre nossa capacidade de pensar*.

Por isso, pouco a pouco, as perguntas da filosofia se dirigem ao próprio pensamento: "O que é pensar?", "Como é pensar?", "Por que há o pensar?". A filosofia torna-se, então, *o pensamento interrogando-se a si mesmo*. Por ser uma volta que o pensamento realiza sobre si mesmo, a filosofia se realiza como *reflexão* ou, seguindo o oráculo de Delfos, busca realizar o "Conhece-te a ti mesmo".

## A reflexão filosófica

A palavra *reflexão* é empregada na física para descrever o movimento de propagação de uma onda luminosa ou sonora quando, ao passar de um meio para outro, encontra um obstáculo e retorna ao meio de onde partiu. É esse retorno ao ponto de partida que é conservado quando a palavra é usada na filosofia para significar "movimento de volta sobre si mesmo" ou "movimento de retorno a si mesmo". A *reflexão filosófica* é o movimento pelo qual o pensamento, examinando o que é pensado por ele, volta-se para si mesmo como fonte desse pensado. É o pensamento interrogando-se a si mesmo ou pensando-se a si mesmo. É a concentração mental em que o pensamento volta-se para si próprio para examinar, compreender e avaliar suas ideias, suas vontades, seus desejos e sentimentos.

A reflexão filosófica é *radical* porque vai à raiz do pensamento, pois é um movimento de volta do pensamento sobre si mesmo para pensar-se a si mesmo, para conhecer como é possível o próprio pensamento ou o próprio conhecimento.

Não somos, porém, somente seres pensantes. Somos também seres que agem no mundo, que se relacionam com os outros seres humanos, com os animais, as plantas, as coisas, os fatos e acontecimentos, e exprimimos essas relações tanto por meio da linguagem e dos gestos como por meio de ações, comportamentos e condutas. A reflexão filosófica também se volta para compreender o que se passa em nós nessas relações que mantemos com a realidade circundante, para o que dizemos e para as ações que realizamos.

A reflexão filosófica organiza-se em torno de três grandes conjuntos de perguntas ou questões:

1. "Por que pensamos o que pensamos, dizemos o que dizemos e fazemos o que fazemos?" Isto é, quais os *motivos*, as *razões* e as *causas* para pensarmos o que pensamos, dizermos o que dizemos, fazermos o que fazemos?
2. "O que queremos pensar quando pensamos, o que queremos dizer quando falamos, o que queremos fazer quando agimos?" Isto é, qual é o *conteúdo* ou o *sentido* do que pensamos, dizemos ou fazemos?
3. "Para que pensamos o que pensamos, dizemos o que dizemos, fazemos o que fazemos?" Isto é, qual é a *intenção* ou a *finalidade* do que pensamos, dizemos e fazemos?

Hales/Hulton Archive

Essas três questões têm como objetos de indagação o pensamento, a linguagem e a ação e podem ser resumidas em o que é pensar, falar e agir? E elas pressupõem a seguinte pergunta: "O que pensamos, dizemos e fazemos em nossas crenças cotidianas constitui ou não um pensamento verdadeiro, uma linguagem coerente e uma ação dotada de sentido?"

Como vimos, a atitude filosófica inicia-se indagando "O que é?", "Como é?", "Por que é?", dirigindo-se ao mundo que nos rodeia e aos seres humanos que nele vivem e com ele se relacionam. São perguntas sobre a *essência* (O que é?), a *significação* ou *estrutura* (Como é?), a *origem* (Por que é?) e a *finalidade* (Para que é?) de todas as coisas. É um saber sobre a *realidade exterior* ao pensamento.

Já a reflexão filosófica, ou o "Conhece-te a ti mesmo", indaga "Por quê?", "O quê?", "Para quê?" e se dirige ao pensamento, à linguagem e à ação, ou seja, volta-se para os seres humanos. São perguntas sobre a *capacidade* e a *finalidade* para *conhecer, falar* e *agir*, próprias dos seres humanos. É um saber sobre o homem como ser pensante, falante e agente, ou seja, sobre a *realidade interior* dos seres humanos.

A atitude filosófica resume-se no seguinte questionamento: o que é o pensar, o falar, o agir?

## Filosofia: um pensamento sistemático

As indagações fundamentais da atitude filosófica e da reflexão filosófica não se realizam ao acaso, segundo preferências e opiniões de cada um de nós. A filosofia não é um "eu acho que" ou um "eu gosto de". Não é pesquisa de opinião à maneira dos meios de comunicação de massa. Não é pesquisa de mercado para conhecer preferências dos consumidores com a finalidade de montar uma estratégia de propaganda.

As indagações filosóficas se realizam de modo *sistemático*. Que significa isso?

A palavra *sistema* vem do grego, significa "um todo cujas partes estão ligadas por relações de concordância interna". No caso do pensamento, significa "um conjunto de ideias internamente articuladas e relacionadas, graças a princípios comuns ou a certas regras e normas de argumentação e demonstração que as ordenam e as relacionam num todo coerente".

Dizer que as indagações filosóficas são sistemáticas significa dizer que a filosofia trabalha com enunciados precisos e rigorosos, busca encadeamentos lógicos entre os enunciados, opera com conceitos ou ideias obtidos por procedimentos de demonstração e prova, exige a fundamentação racional do que é enunciado e pensado. Somente assim a reflexão filosófica pode fazer com que nossa experiência cotidiana, nossas crenças e opiniões alcancem uma visão crítica de si mesmas. Não se trata de dizer "eu acho que", mas de poder afirmar "eu penso que".

O conhecimento filosófico é um trabalho intelectual. É sistemático porque não se contenta em obter respostas para as questões colocadas, mas exige que as próprias questões sejam válidas e, em segundo lugar, que as respostas sejam verdadeiras, estejam relacionadas entre si, esclareçam umas às outras, formem conjuntos coerentes de ideias e significações, sejam provadas e demonstradas racionalmente.

Quando alguém diz "Esta é minha filosofia" ou "Esta é a filosofia de fulana ou de fulano" ou ainda "Esta é a filosofia da empresa", engana-se e não se engana.

Engana-se porque imagina que para "ter uma filosofia" basta alguém possuir um conjunto de ideias mais ou menos coerentes sobre todas as coisas e pessoas, bem como ter um conjunto de princípios mais ou menos coerentes para julgar as coisas e as pessoas.

Mas não se engana ao usar essas expressões porque percebe, ainda que muito confusamente, que há uma característica nas ideias e nos princípios que leva a dizer que são "uma filosofia": a ligação entre certas ideias e certos comportamentos, as relações entre essas ideias e esses comportamentos como se tivessem alguns princípios que os unissem ou relacionassem. Ou seja, pressente-se que a filosofia opera sistematicamente, com coerência e lógica, que tem uma vocação para compreender como se relacionam, se conectam e se encadeiam num todo racionalmente compreensível as coisas e os fatos que aparecem de modo fragmentado e desconexo em nossa experiência cotidiana.

## Em busca de uma definição da filosofia

Quando começamos a estudar filosofia, somos logo levados a buscar o que ela é. Nossa primeira surpresa surge ao descobrirmos que não há apenas uma definição da filosofia, mas várias. A segunda surpresa vem ao percebermos que, além de várias, as definições não parecem poder ser reunidas numa só e mais ampla. Eis por que muitos, cheios de perplexidade, indagam: "Afinal, o que é a filosofia que nem sequer consegue dizer o que ela é?".

Uma primeira aproximação nos mostra pelo menos quatro definições gerais do que seria a filosofia:

1. **Visão de mundo de um povo, de uma civilização ou de uma cultura.**

   Nessa definição, a filosofia corresponderia, de modo vago e geral, ao conjunto de ideias, valores e práticas pelos quais uma sociedade apreende e compreende o mundo e a si mesma, definindo para si o tempo e o espaço, o sagrado e o profano, o bom e o mau, o justo e o injusto, o belo e o feio, o verdadeiro e o falso, o possível e o impossível, o contingente e o necessário.

   Qual o problema dessa definição? Por um lado, ela se parece com a noção de "minha filosofia" ou "a filosofia da empresa"; por outro, ela é tão genérica e tão ampla que não permite, por exemplo, diferenciar entre filosofia e religião, filosofia e arte, filosofia e ciência. Na verdade, essa definição identifica filosofia e cultura, pois esta é uma visão de mundo coletiva que se exprime em ideias, valores e práticas de uma sociedade determinada.

   A definição, portanto, não consegue acercar-se da especificidade do trabalho filosófico e por isso não podemos aceitá-la como definição da filosofia, mas apenas como uma expressão que contém ou indica alguns aspectos que poderão entrar na sua definição.

2. **Sabedoria de vida.**

   Nessa definição, a filosofia é identificada com a atividade de algumas pessoas que pensam sobre a vida moral, dedicando-se à contemplação do mundo e dos outros seres humanos para aprender e ensinar a controlar seus desejos, sentimentos e impulsos e a dirigir a própria vida de modo ético e sábio. A filosofia seria uma escola de vida ou uma arte do bem-viver; seria uma contemplação do mundo e dos homens para nos conduzir a uma vida justa, sábia e feliz, ensinando-nos o domínio sobre nós mesmos, sobre nossos impulsos, desejos e paixões. Essa definição, porém, nos diz, de modo vago, o que se espera da filosofia (a sabedoria interior), mas não o que ela é e o que faz a filosofia e, por isso, também não podemos aceitá-la, mas apenas reconhecer que nela está presente um dos aspectos do trabalho filosófico.

3. **Esforço racional para conceber o Universo como uma totalidade ordenada e dotada de sentido.**

   Nessa definição, atribui-se à filosofia a tarefa de conhecer a realidade inteira, provando que o Universo é uma totalidade, isto é, algo estruturado ou ordenado por relações de

causa e efeito, e que essa totalidade é racional, ou seja, possui sentido e finalidade compreensíveis pelo pensamento humano.

Os que adotam essa definição precisam começar distinguindo entre filosofia e religião e até mesmo opondo uma à outra, pois ambas possuem o mesmo objeto (compreender o Universo), mas a primeira o faz por meio do esforço racional, enquanto a segunda, por meio da confiança (fé) numa revelação divina. Ou seja, a filosofia procura discutir até o fim o sentido e o fundamento da realidade, enquanto a consciência religiosa se baseia num dado primeiro e inquestionável, que é a revelação divina, objeto de fé e indemonstrável pela e para a razão humana.

Pela fé, a religião aceita princípios indemonstráveis e até mesmo aqueles que podem ser considerados irracionais pelo pensamento, enquanto a filosofia não admite indemonstrabilidade e irracionalidade de coisa alguma. Pelo contrário, o pensamento filosófico procura explicar e compreender mesmo o que parece ser irracional e inquestionável.

No entanto, essa definição também é problemática, porque dá à filosofia a tarefa de oferecer uma explicação e uma compreensão totais sobre o Universo, elaborando um sistema universal ou um sistema do mundo, mas sabemos, hoje, que essa tarefa é impossível.

É verdade que, nos seus primórdios, a filosofia se apresentava como uma explicação total sobre a realidade, isto é, sobre a natureza física e sobre os seres humanos, pois não só viera substituir a explicação religiosa como também constituía o conjunto de todas as ciências teóricas e práticas (ou seja, não havia distinção e separação entre filosofia e ciência). No entanto, há, nos dias de hoje, pelo menos duas limitações principais a essa pretensão totalizadora: em primeiro lugar, a filosofia e as ciências foram se separando no correr da história e o saber científico se dividiu em vários saberes particulares, cada qual com seu campo próprio de investigação e de explicação de um aspecto determinado da realidade. Em outras palavras, a filosofia compartilha a explicação da realidade com as ciências e as artes, cada uma das quais definindo um aspecto e um campo da realidade para estudo (no caso das ciências) e para a expressão (no caso das artes), já não sendo admissível que haja uma única disciplina teórica que possa abranger sozinha a totalidade dos conhecimentos ou o conhecimento universal do Universo. Em segundo lugar, porque a própria filosofia já não admite que seja possível um único sistema de pensamento que ofereça uma única explicação para o todo da realidade, pois esta permanece aberta e convida a múltiplas perspectivas de conhecimentos e interpretações. Por isso, essa definição também não pode ser aceita, embora contenha aspectos importantes da atividade filosófica.

4. **Fundamentação teórica e crítica dos conhecimentos e das práticas.**

*Fundamento* é uma palavra que vem do latim e significa "uma base sólida" ou "o alicerce sobre o qual se pode construir com segurança". Do ponto de vista do conhecimento, significa "a base ou o princípio racional que sustenta uma demonstração verdadeira". Sob esta perspectiva, *fundamentar* significa "encontrar, definir e estabelecer racionalmente os princípios, as causas e condições que determinam a existência, a forma e os comportamentos de alguma coisa, bem como as leis ou regras de suas mudanças".

*Teoria* vem do grego, no qual significava "contemplar uma verdade com os olhos do espírito", isto é, uma atividade puramente intelectual de conhecimento. Sob esta perspectiva, uma *fundamentação teórica* significa "determinar pelo pensamento, de maneira lógica, metódica, organizada e sistemática o conjunto de princípios, causas e condições de alguma coisa (de sua existência, de seu comportamento, de seu sentido e de suas mudanças)".

Como vimos há pouco, *crítica* também é uma palavra grega, que significa "a capacidade para julgar, discernir e decidir corretamente"; "o exame racional de todas as coisas sem preconceito e sem pré-julgamento" e a "atividade de examinar e avaliar detalhadamente uma ideia, um valor, um costume, um comportamento, uma obra artística ou científica". Sob essa perspectiva, *fundamentação crítica* significa "examinar, avaliar e

julgar racionalmente os princípios, as causas e condições de alguma coisa (de sua existência, de seu comportamento, de seu sentido e de suas mudanças)".

Como *fundamentação teórica e crítica*, a filosofia ocupa-se com os princípios, as causas e condições do conhecimento que pretenda ser racional e verdadeiro; com a origem, a forma e o conteúdo dos valores éticos, políticos, religiosos, artísticos e culturais; com a compreensão das causas e das formas da ilusão e do preconceito no plano individual e coletivo; com os princípios, as causas e condições das transformações históricas dos conceitos, das ideias, dos valores e das práticas humanas.

Por isso, a filosofia volta-se para o estudo das várias formas de conhecimento (percepção, imaginação, memória, linguagem, inteligência, experiência, reflexão) e dos vários tipos de atividades interiores e comportamentos externos dos seres humanos como expressões da vontade, do desejo e das paixões, procurando descrever as formas e os conteúdos dessas formas de conhecimento e desses tipos de atividade e comportamento como relação do ser humano com o mundo, consigo mesmo e com os outros.

Para realizar seu trabalho, a filosofia investiga e interpreta o significado de ideias gerais como: realidade, mundo, natureza, cultura, história, verdade, falsidade, humanidade, temporalidade, espacialidade, qualidade, quantidade, subjetividade, objetividade, diferença, repetição, semelhança, conflito, contradição, mudança, necessidade, possibilidade, probabilidade, etc.

A atividade filosófica é, portanto, uma *análise* (das condições e princípios do saber e da ação, isto é, dos conhecimentos, da ciência, da religião, da arte, da moral, da política e da história), uma *reflexão* (volta do pensamento sobre si mesmo para conhecer-se como capacidade para o conhecimento, a linguagem, o sentimento e a ação) e uma *crítica* (avaliação racional para discernir entre a verdade e a ilusão, a liberdade e a servidão, investigando as causas e condições das ilusões e dos preconceitos individuais e coletivos, das ilusões e dos enganos das teorias e práticas científicas, políticas e artísticas, dos preconceitos religiosos e sociais, da presença e difusão de formas de irracionalidade contrárias ao exercício do pensamento, da linguagem e da liberdade).

Essas três atividades (*análise*, *reflexão* e *crítica*) estão orientadas pela elaboração filosófica de ideias gerais sobre a realidade e os seres humanos. Portanto, para que essas três atividades se realizem, é preciso que a filosofia se defina como busca do fundamento (princípios, causas e condições) e do sentido (significação e finalidade) da realidade em suas múltiplas formas, indagando o que essas formas de realidade são, como são e por que são, e procurando as causas que as fazem existir, permanecer, mudar e desaparecer.

A filosofia não é ciência: é uma reflexão sobre os fundamentos da ciência, isto é, sobre procedimentos e conceitos científicos. Não é religião: é uma reflexão sobre os fundamentos da religião, isto é, sobre as causas, origens e formas das crenças religiosas. Não é arte: é uma reflexão sobre os fundamentos da arte, isto é, sobre os conteúdos, as formas, as significações das obras de arte e do trabalho artístico. Não é sociologia nem psicologia, mas a interpretação e avaliação crítica dos conceitos e métodos da sociologia e da psicologia. Não é política, mas interpretação, compreensão e reflexão sobre a origem, a natureza e as formas do poder e suas mudanças. Não é história, mas reflexão sobre o sentido dos acontecimentos enquanto inseridos no tempo e compreensão do que seja o próprio tempo.

O filósofo alemão Immanuel Kant considerou que as indagações fundamentais da filosofia são:

- *Que podemos saber?* É a pergunta sobre o conhecimento, isto é, sobre os fundamentos do pensamento em geral e do pensamento científico em particular;
- *Que podemos fazer?* É a pergunta sobre a ação e a expressão humana, isto é, sobre os fundamentos da ética, da política, das artes, das técnicas e da história;
- *Que podemos esperar?* É a pergunta sobre a esperança de uma outra vida após a morte, isto é, sobre os fundamentos da religião.

## Inútil? Útil?

O primeiro ensinamento filosófico é perguntar: "O que é o útil?", "Para que e para quem algo é útil?", "O que é o inútil?", "Por que e para quem algo é inútil?".

O senso comum de nossa sociedade considera útil o que dá prestígio, poder, fama e riqueza. Julga o útil pelos resultados visíveis das coisas e das ações, identificando sua possível utilidade, como na famosa expressão "levar vantagem em tudo". Não poderíamos, porém, definir o útil de uma outra maneira?

Platão definia a filosofia como "um saber verdadeiro que deve ser usado em benefício dos seres humanos para que vivam numa sociedade justa e feliz".

Descartes dizia que a filosofia "é o estudo da sabedoria, conhecimento perfeito de todas as coisas que os humanos podem alcançar para o uso da vida, a conservação da saúde e a invenção das técnicas e das artes com as quais ficam menos submetidos às forças naturais, às intempéries e aos cataclismos".

Kant afirmou que a filosofia "é o conhecimento que a razão adquire de si mesma para saber o que pode conhecer, o que pode fazer e o que pode esperar, tendo como finalidade a felicidade humana".

Marx declarou que a filosofia havia passado muito tempo apenas contemplando o mundo e que se tratava, agora, de conhecê-lo para transformá-lo, transformação que traria justiça, abundância e felicidade para todos.

Merleau-Ponty escreveu que a filosofia "é um despertar para ver e mudar nosso mundo".

Espinosa afirmou que a filosofia "é um caminho árduo e difícil, mas que pode ser percorrido por todos, se desejarem a liberdade e a felicidade".

Qual seria, então, a utilidade da filosofia?

Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum for útil; se não se deixar guiar pela submissão às ideias dominantes e aos poderes estabelecidos for útil; se buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para ser conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos for útil, então podemos dizer que a filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes.

## QUESTÕES

**Introdução: Para que filosofia?**

1. Que quer dizer a palavra *crítica*?
2. Quando passamos da atitude costumeira à atitude filosófica?
3. Que significa dizer que a filosofia se volta preferencialmente para os momentos de crise ou críticos?
4. Por que se pergunta "Para que filosofia"?
5. Quais as três principais perguntas que caracterizam a atitude filosófica?
6. O que é e como é a reflexão filosófica?
7. Quais os três conjuntos de questões que organizam a reflexão filosófica?
8. Explique o que é a filosofia como saber a respeito da realidade externa ao pensamento e acerca da realidade interna aos seres humanos.
9. Que significa dizer que a filosofia é um pensamento sistemático ou uma interrogação sistemática?
10. Explique brevemente as três principais definições de filosofia que não podemos aceitar inteiramente.
11. Explique a definição da filosofia como fundamentação teórica e crítica dos conhecimentos e das práticas.
12. Explique por que a atividade filosófica é uma análise, uma reflexão e uma crítica.
13. Quais as indagações da filosofia segundo Kant?
14. Qual a utilidade da filosofia?
15. Questão opcional (para estudantes e professores que tenham visto o filme *Matrix*): Quais os paralelos que podemos estabelecer entre o personagem Neo, do filme *Matrix*, e o filósofo Sócrates?

*Convite à Filosofia* é um marco no ensino da Filosofia no Brasil. Por meio de uma linguagem acessível, trata de forma contextualizada os temas importantes da reflexão filosófica, conduzindo o leitor à profundidade dos grandes pensadores. Razão, Verdade, Conhecimento, Ciência, Ética, Política, Arte, Técnica, Religião, Metafísica, História e Lógica emergem de suas páginas em abordagens que suscitam fecundas discussões sobre o mundo das ideias e sobre a história do pensamento.

Marilena Chaui é professora de Filosofia na Universidade de São Paulo e uma das mais prestigiadas intelectuais brasileiras, com presença atuante no debate político nacional e na construção da democracia no Brasil. São frequentes os seus artigos na imprensa, bem como sua participação em congressos, conferências e cursos, no país e no exterior. Em 2003, recebeu o título de doutora *honoris causa* da Universidade de Paris. É autora de *A nervura do real; Introdução à História da Filosofia; Cultura e democracia; Da realidade sem mistérios ao mistério do mundo; Repressão sexual, essa nossa (des)conhecida; Conformismo e resistência: notas sobre cultura popular; Experiência do pensamento; A questão da democracia; Brasil — Mito fundador e sociedade autoritária* e *O que é ideologia,* entre outros livros.

editora ática

www.atica.com.br

ISBN 978-85-08-13469-4

9 788508 134694